

Marcos Chaves, a história como [des]esperança

A historiografia imediata, a crítica contundente do presente, a crença no futuro das mudanças que se espera que venham a ocorrer já movimentam a arte em torno do ocorrido desde 1 de janeiro de 2019. No mastro do prédio do Museu de Arte do Rio (MAR) foi içada uma bandeira verde e rosa, as cores da bandeira da escola de samba da Mangueira, que tem em um lado as palavras “Vai passar” e, no outro, um ponto de interrogação ameaçador. Vai passar (2019), a bandeira de Marcos Chaves é ambivalente, aos confiantes num futuro melhor, menos entrópico que o presente, é uma afirmação: Vai passar. Ponto. Para os céticos, é pura dúvida: o mal “vai passar?”. “O choro pode durar uma noite, mas a alegria virá ao amanhecer” (Salmo 30, versículo 6) – é bíblico e virou um provérbio da língua portuguesa: “Não há mal que sempre dure, nem bem que se não acabe.” A bandeira de Marcos Chaves evoca otimista e reticente a letra de Chico Buarque de Hollanda: “Vai passar / nessa avenida um samba popular” e a memória de seu tempo vivido. O compositor escreveu para seu tempo uma música que se atualiza em qualquer presente:

“Num tempo / Página infeliz da nossa história / Passagem desbotada na memória / Das nossas novas gerações / Dormia / A nossa pátria mãe tão distraída / Sem perceber que era subtraída / Em tenebrosas transações”.

Marcos Chaves é um cronista da vida cotidiana do Rio de Janeiro, com um olhar sobre sua paisagem cultural, junção entre natureza e obra do homem, os modos culturais de viver a gentileza urbana, suas dores e as soluções dos sem tetos, na casa precária do homem da vida nua. O artista é um autêntico carioca porque amoroso e crítico com relação aos encantos e mazelas sociais da cidade amada.